

RUANDA: MEMÓRIAS DE UM GENOCÍDIO

Ligia Maria Lario FRUCTUOZO

Sérgio Tibiriçá AMARAL

Resumo: O presente trabalho discorreu sobre a colonização europeia de Ruanda, um país localizado na chamada África Central e os problemas por ela causados, entre os quais o genocídio. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica com livros, revistas, jornais, doutrinas, documentários, filmes, e sites específicos da Internet. Fez uso dos métodos dedutivo e indutivo, importantes para uma conclusão sobre o tema pesquisado. Abordou-se o processo da colonização europeia ocorrida no país, primeiro pela Alemanha e depois pela Bélgica. Ruanda é um país africano, cuja população está dividida principalmente em três etnias: hutu, tutsi e twa. Desde o período pré-colonial havia algumas diferenças entre as “raças”, mas foi com a colonização que elas se tornaram motivos de repressão, exclusão e conflitos. Isto porque, para os colonos belgas, os tutsis, pastores em sua maioria, era um povo mais evoluído e, além disso, possuíam traços físicos mais finos e distintos, se assemelhando aos europeus, apesar dos efeitos da miscigenação. Para eles, os hutus eram baixos e “brutos”, tinham feições mais “feias” por causa de seus narizes e bocas mais grossos, cabelos e peles mais escuros. Não sabiam criar gados e por isso foram transformados nos vassallos dos tutsis, que tinham cada vez mais poder econômico e político, assim como melhores condições de vida, tornando-se aristocratas por muitos anos. Com o passar do tempo, a Bélgica, já enfraquecida e sofrendo pressão das Nações Unidas para favorecer a independência de Ruanda, decide passar o poder político para os hutus. Através de uma série de processos, reformas e golpes os hutus assumiram o poder e passaram a perseguir os tutsis, tirando-os dos cargos políticos, estipulando cotas para escolas, hospitais e universidades. Vários ataques em massa contra a população tutsi foram perpetrados ao longo dos anos. Os principais ocorreram em 1959, 1973 e 1990. Até que em abril de 1994, após um atentado ao avião do presidente hutu Juvénal Habyarimana - que vinha assinando acordos de paz e cessar-fogo com o exército rebelde dos tutsis, chamado de Frente Patriótica Ruandesa - cuja culpa recaiu sobre os tutsis; imediatamente os líderes do Poder Hutu e suas milícias denominadas *interahamwe* passaram a massacrar os tutsis de todo o país. Incendiavam suas casas, pilhavam seus bens, estupravam as mulheres, matavam crianças recém-nascidas. Locais como igrejas, conventos, escolas e hospitais não foram poupados e foram palcos dos maiores números de assassinatos em massa. A ordem era toda a população hutu matar toda a população tutsi. A Frente Patriótica Ruandesa foi avançando e realizando trocas entre os prisioneiros hutus de seu lado e prisioneiros e vítimas tutsis do outro, até que em julho de 1994, cem dias depois do início das matanças, conseguiram tomar a capital kigali e a maioria das cidades de Ruanda. Com isso, mais de um milhão de hutus fugiram para os países vizinhos, principalmente para o Congo (ex-Zaire), porém, deixando para trás quase um milhão de mortos, casas queimadas, lavouras destruídas, doenças como AIDS e malária, órfãos e muitos milhões de refugiados.

Palavras-chave: Ruanda, genocídio, etnias, hutus, tutsis, *interahamwe*, Frente Patriótica Ruandesa, facção, pilhagem, milícias, Bélgica, Organização das Nações Unidas, massacres, vizinhos, mortes.

1 HISTÓRICO DE RUANDA

A República de Ruanda é um país que fica localizado no coração do continente africano, ou seja, territorialmente está na chamada África Central. Faz fronteira com Uganda ao norte, Burundi ao sul, Tanzânia ao leste e ao oeste com a República Democrática do Congo (ex-Zaire).

Tem uma extensão de 26.340 km² e conta com uma população de aproximadamente 9,3 milhões de pessoas (2007), divididas principalmente em três etnias: hutu, tutsi e twa.

Ruanda é conhecida como “País das Mil Colinas”, pois é um território bastante montanhoso e com encostas íngremes. Segundo informações do site de Ruanda, o país apresenta uma variedade de relevos que vão desde densas florestas equatoriais irregulares no nordeste, passando por pântanos, morros, até chegar a savanas tropicais no leste. Possui também picos vulcânicos, cujo ponto mais elevado é o Vulcão Karimsibi, com 4,507 metros de altitude. Tem um clima tropical de temperatura temperadas-cálidas por causa da altitude, a neblina é sempre intensa, com duas estações dominantes de chuvas durante o ano, março-maio e outubro-novembro.

Há eucaliptos e bananeiras por toda parte. Possui uma agricultura de subsistência, onde o chá e o café são os principais produtos de exportação e o franco ruandês é a moeda nacional. Os idiomas oficiais são o francês, inglês e o quiniaruanda.

As estradas de Ruanda são as melhores da África Central e seu sistema hidrográfico é composto pelo lago Kivu e pelo rio Ruzizi que leva as águas do lago para o Tanganica.

Kigali é a capital com aproximadamente 500 mil habitantes e as principais cidades são: Batear, Bamba, Ruhengeri, Butare, Kayonza, Gisenyi, Kibuye, Cyangugu, Kibungu, Gitarama e Nyagatore.

Ruanda é uma República presidencialista, onde o atual Chefe de Estado é o General Paul Kagame e o poder Legislativo é formado pela Assembléia Nacional e pelo Senado. (Site oficial da República de Ruanda)

1.1 Surgimento das “Etnias”

A história do período pré-colonial de Ruanda não é muito conhecida e também pouco confiável, já que nessa época os ruandeses não possuíam uma linguagem escrita, sua tradição era contada de geração em geração e é, por isso, maleável. É a chamada tradição oral, característica de boa parte dos países africanos.

De acordo com o livro do escritor norte americano, Philip Gourevitch, que escreveu sobre a África, Ásia e Europa e que visitou Ruanda durante três anos, onde reconta em seu livro a história do país, o genocídio de 1994 e o pós-genocídio. Sua obra é detalhista e praticamente completa, por isso, seu livro é uma fonte segura e servirá de base para os próximos capítulos do presente trabalho.

Conta-se que, inicialmente Ruanda foi ocupada por um povo pigmeu chamado twa, que viviam em cavernas e que hoje representa 1% da população. Os tutsis e hutus teriam vindo mais tarde e acredita-se que os hutus são um povo ‘bantu’¹ que veio primeiro do sul e do oeste de Ruanda, e que um povo nilótico (quem vem das margens do Nilo) chamado tutsi veio depois, do leste e do norte.

Com o tempo, hutus e tutsis passaram a falar a mesma língua, seguir a mesma religião, casar-se entre si e viver misturados, sem distinções territoriais, nas mesmas montanhas, compartilhando a mesma cultura política e social [...] Por causa de toda essa miscigenação, os etnógrafos e historiadores chegaram ultimamente à conclusão de que os hutus e os tutsis não podem propriamente ser considerados grupos étnicos distintos. (GOUREVITCH, 2006, p. 45)

¹Bantu acredita-se ser um povo que teve sua origem na Nigéria e mais tarde teriam emigrado para a Zâmbia, sendo que por volta de 2.000 a.C., talvez em virtude do clima, foram se espalhando pelas florestas tropicais da África Central. Muitos anos mais tarde se distribuíram também pela África Austral e Oriental.

Mesmo assim, desde aquela época até os dias de hoje, existem distinções entre eles, sendo que em suas origens os hutus eram lavradores e os tutsis pastores. E talvez porque a produção de gado é mais preciosa que a produção agrícola, os tutsis passaram a ser sinônimo de elite econômica e política em Ruanda.

Em 1860, o *mwami*² Kigeri Rwabugiri, ascendeu ao trono ruandês. Ele era um tutsi e fala-se que a distinção entre as “etnias” tutsi e hutu tenha se intensificado nesse período, haja vista que os tutsis ocupavam os melhores e mais altos cargos políticos, militares e administrativos e por causa da identificação com o governo, tinham também maior poder financeiro. Em suma, os tutsis eram aristocratas e os hutus seus vassalos.

Contudo, o maior motivo para a distinção entre uma “classe” e outra eram os traços físicos que os diversificavam. Os hutus tinham a pele mais escura, o nariz mais achatado e os lábios mais grossos, rostos redondos e queixo quadrado. Os tutsis não tinham a pele tão escura quanto os hutus, o nariz e os lábios eram finos, o queixo estreito, o rosto comprido e eram também mais altos que os hutus.

E as diferenças entre um povo e outro teriam terminado aí, se não fosse a chegada dos europeus em Ruanda, no final do século XIX, onde tiveram a visão de uma majestosa raça de reis guerreiros com rebanhos de gado, cercada por uma raça dependente de camponeses escuros e pequenos que lidavam com a lavoura e plantações. Achavam que essa era a tradição local e a aceitaram naturalmente.

Isso porque, naquela época, estava em alta na Europa a chamada “ciência das raças”³, que usava como doutrina a denominada hipótese hamítica, desenvolvida por John Hanning Speke⁴. Em sua teoria antropológica, existiam duas raças distintas na África: uma superior, criadora de gados, que tinha maior estatura e aparência distinta, que ele acreditava ter vindo da Abissínia, ou seja, Etiópia e uma

² Mwami eram os reis ou chefes das aldeias de Ruanda

³ A ciência das raças surgiu da “História Natural da Humanidade”, que tomava emprestado o conceito de raça existente na zoologia e na botânica e classificava a humanidade em grandes raças, cuja diversidade biológica e física era tida como base das qualidades comportamentais de cada uma, características físicas, mentais, estéticas, psicológicas e morais eram levadas em consideração.

⁴ Um inglês que ficou conhecido por descobrir a fonte do Rio Nilo, cuja obra *Journal of the Discovery of the Source of the Nile* (Diário da descoberta da fonte do Nilo) é bastante dedicada à teoria antropológica africana, descrevendo cada uma das raças moral e fisicamente.

raça subordinada de nativos negróides, mais escuros, boca e narizes grossos e cabelos mais crespos. De uma forma geral, ele se espantou como o negro havia vivido tanto tempo sem se desenvolver, isolado de todo o mundo. Mas acreditava que a raça que mais se assemelhava às características físicas européias era superior, e eram muito diferentes dos nativos, pois apesar dos efeitos da miscigenação (cabelos crespos e pele mais escura), possuíam nariz fino em vez de “achatado” e esta característica os tornavam especiais, naturalmente mais evoluídos e por isso, dominantes. Por fim, ele declarou que com um pouco de educação e cristianismo poderiam ser quase tão superiores quanto os britânicos e o resto dos homens brancos (MUNANGA, 2004, p.5).

Os estudos e observações absurdas feitos por Speke, foram tidos como doutrinas e o europeu a abraçava como verdade absoluta, aproveitando essa divisão “natural” para moldá-la em seus próprios ideais de submissão e dominação e assim a utilizaram em sua política colonial.

No século XIX, os tutsis e os hutus de Burundi eram mobilizados conjuntamente para combater os tutsis e os hutus de Ruanda que, por sua vez, também se uniam. Por quê? Porque havia um processo nacionalista em gestação dentro da nação burundinesa, por um lado, e da nação ruandesa, por outro. Nessa época, não se tratava de um conflito entre os hutus e tutsis de Ruanda, de tal modo os processos nacionalistas eram determinantes. No tempo pré-colonial, um hutu, ministro de um rei tutsi, podia ser mais importante do que um pequeno chefe tutsi de província. Fala-se mesmo da possível passagem da mesma pessoa de uma das condições para a outra. A partir da colonização, hierarquizaram-se as etnias africanas como se hierarquizaram as raças, os brancos em cima, os negros embaixo. Foi então que criaram os germes contemporâneos do conflito atual. (KI-ZERBO, 2006, p. 52)

Na época em que os belgas assumiram o território de Ruanda, às expressões tutsi e hutu eram como “etnias” opostas, que serviam para identificar e diferenciar uns dos outros, sendo que uma “raça” era o que a outra não era e vice-versa.

Os negros de Ruanda, independente de sua “etnia”, passaram por um dos mais humilhantes e bizarros episódios já registrados a respeito da “inferioridade humana” da raça negra.

Os cientistas trouxeram balanças, fitas métricas e compassos e saíram pesando ruandeses, medindo sua capacidade craniana e realizando análises comparativas da protuberância relativa de seus narizes. Claro que os cientistas encontraram aquilo em que haviam acreditado o tempo todo. Os tutsis tinham dimensões 'mais nobres', mais 'naturalmente' aristocráticas que as dos 'rústicos' e 'brutos' hutus. No 'índice nasal', por exemplo, o nariz médio tutsi era dois milímetros e meio mais longo e quase cinco milímetros mais fino que o nariz hutu médio. (GOUREVITCH, 2006, p. 54)

A Bélgica chegou a ponto de em 1933 e 1934, realizar um censo, onde carteiras de identidades "étnicas" foram emitidas para rotular cada cidadão como pertencente a uma raça, tornando impossível que elas se "misturassem" ou que um virasse o outro, onde os hutus compreendiam 85% da população, os tutsis representavam 14% e os twa apenas 1%.

Com o total apoio dos colonos belgas, os tutsis aumentavam seu poder e influência, enquanto os hutus viam diminuir ainda mais suas raras oportunidades de progresso. No entanto, com o passar do tempo passaram a gritar por democracia, pois eram a maioria da população e proclamavam todos os hutus a se unirem na "identidade hutu", para se fortalecerem e expulsar os tutsis, que eles consideravam invasores. Era o "Manifesto Hutu"⁵, publicado em 1957. "Esse manifesto continha um conjunto de idéias relativas aos problemas decorrentes do monopólio político dos tutsis, que, na prática, também se estendia a todas as dimensões da sociedade" (HERNANDEZ, 2008, p. 427).

Nesse momento, convenientemente, a Bélgica muda de lado e passa a apoiar os hutus oprimidos por tantos séculos. A Organização das nações Unidas (ONU) pressionava a democratização dos países africanos e a Bélgica já não possuía tanto poder como anteriormente.

E foi assim o começo de uma história que se tornou ainda mais triste e desumana desse ponto em diante. A rivalidade e a luta pelo poder em Ruanda acabaram em um dos episódios mais monstruosos que a humanidade já viu. Os hutus se rebelaram em uma revolta que acabou em um genocídio da etnia tutsi e o que anteriormente era uma disputa por território e poder - como em qualquer outro lugar do mundo -, tornou-se uma luta pela vida e dignidade.

⁵ "Manifesto Hutu" será mais bem analisado no próximo tópico

1.1.1 Dominação estrangeira e criação do Estado de Ruanda

Na Conferência de Berlim, que se deu em 1884 - 1885, Ruanda permaneceu intacta com relação às suas fronteiras e foi entregue a Alemanha, juntamente com o Burundi, país que faz fronteira ao sul de Ruanda. No entanto, nenhum homem branco havia pisado em Ruanda até então e, somente após 1895, quando morreu o *mwami* Rwabugiri é que a Alemanha instalou-se administrativamente em Ruanda, erguendo a bandeira do império do Kaiser Wilhelm, com uma política indireta sobre o país. Nessa época, os clãs reais tutsis disputavam a sucessão, aproveitando-se da proteção e liberdade que tinham para consolidar seus feudos e aumentar sua hegemonia sobre os demais.

Com a derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial, a Liga das Nações entregou Ruanda à Bélgica.

O domínio belga foi muito mais direto e duro que o dos alemães e, utilizando a igreja católica, manipulou a classe alta dos tutsis para reprimir o resto da população - majoritariamente hutus e demais tutsis - incluindo a cobrança de impostos e o trabalho forçado, criando um fosso social maior do que o que já existia. (HISTÓRIA, s.d., p.1)

Por outro lado, no período anterior à dominação belga, Ruanda era conhecida por sua coesão nacional, os nativos queriam unir-se em um único povo. Porém, os colonizadores aceitaram a absurda hipótese hamítica e a abraçaram, dividindo a nação, fazendo-a lutar consigo mesma. A única forma de colonizar que a Bélgica conhecia era através da violência e assim o fizeram juntamente com a Igreja Católica Apostólica Romana, reorganizando a sociedade de Ruanda através das “linhas étnicas”.

As contradições entre os grandes chefes ruandeses e burundineses desapareceram, para dar lugar a contradições internas. Essas contradições, que não eram antagônicas no século XIX, foram progressivamente vistas como flores venenosas que germinavam durante o período precedente. Os hutus e os tutsis assistiram a um tipo de divisão do trabalho diferente do que prevalecia anteriormente. Os tutsis foram privilegiados no acesso ao alto clero ou no exercício de funções no Exército

e na administração pública. A sua superestrutura e a sua mentalidade foram assim reforçadas. (KI-ZERBO, 2006, p. 53)

A Bélgica era grande defensora da anulação dos direitos dos hutus e enfatizavam que não havia líderes mais inteligentes, capazes e melhores do que os tutsis.

Acontece que, talvez porque a Bélgica era um Estado internamente dividido, onde a maioria flamenga foi dominada durante muito tempo pela minoria valã francófona, os clérigos flamengos, que foram pra Ruanda depois da Segunda Guerra identificavam-se com a população hutu e os encorajavam para uma revolução social e política.

Ao mesmo tempo, as Nações Unidas começaram a pressionar a Bélgica para que preparasse Ruanda para sua independência, que agora era um “território ‘protegido’ pelas Nações Unidas, e a Bélgica era sua autoridade administrativa” (HISTÓRIA, s.d., p.1).

Isso levou os hutus a clamarem por um governo onde seus representantes fossem escolhidos pela maioria. Começaram a reivindicar “democracia” e em 1957 lançaram o chamado “Manifesto Hutu”, que pregava a continuação dos cartões de identidade étnicos, pois acreditavam que os cartões mostrariam a verdade dos fatos, ou seja, que os hutus eram maioria e os tutsis uma minoria invasora. Por isso os hutus queriam “democracia”, o que implicava dizer que a “etnia” do indivíduo mostrava automaticamente sua posição política, indicando que em Ruanda nesse momento, a luta não era pela igualdade, mas sim, pela dominação do Estado. (MUNANGA, 2004, p. 8).

Foi então que em 1959, a falsa notícia da morte de Dominique Mbonyumutwa, um hutu subchefe de Gitarama, que na verdade fora espancado por ativistas políticos tutsis, ascendeu o pavio da “revolução social” dos hutus. Sendo que geralmente uniam-se em grupos de dez e atacavam os políticos tutsis, queimavam casas, faziam pilhagem, destruíam tudo pela gente e matavam os tutsis. A idéia era não somente expulsá-los do território, como também exterminá-los. (GOUREVITCH, 2006, p. 57-58).

A situação se agravou ainda mais quando um rei tutsi morreu, supostamente por causa de um colapso alérgico - em razão de uma injeção dada por um médico belga, cujas relações com Ruanda já estavam bem desgastadas - e que criou a suspeita de que teria sido envenenado, o que fez com que tutsis fossem à luta confrontando os hutus.

No início de 1960, o coronel belga que comandava a revolução, chamado Guy Logiest, aplicou um golpe de Estado e destituiu os chefes tutsis, substituindo-os por líderes hutus. (RUANDA, s.d., p.1)

No meio do ano eleições regionais foram realizadas, e os hutus ocuparam 90% das posições políticas mais importantes. Em outubro a revolução chegou ao fim e um governo provisório foi instaurado, cujo líder era um hutu chamado Grégoire Kabybanda. E estima-se que aproximadamente 20 mil tutsis foram retirados de suas casas e fugiram para o exílio, inclusive o rei Kigeri V, que foi designado o sucessor do *mwami* Mutara III, depois da morte súbita deste, sendo que o número de mortos acredita-se ser de 15 mil tutsis. (GOUREVITCH, 2006, p. 59).

Fica claro que a Bélgica, que vinha perdendo cada vez mais poder econômico e militar, mudara de lado por questões políticas, pois num primeiro momento, reforçaram “o papel hegemônico dos tutsis, dotando-os de poder político, econômico e militar” e na década de 1950, “favoreceram a formação da elite hutu, aguçando a rivalidade entre os povos para melhor domina-los” (RUANDA, s.d. p 6).

Com isso, os hutus passaram a ser dominantes politicamente e em 1961, Ruanda, com a ajuda da Organização das Nações Unidas (ONU) e da Bélgica, tornou-se uma república. Em 1962, após as primeiras eleições, Grégoire Kayibanda se tornou presidente e no dia 1º de julho foi declarada a independência plena de Ruanda (PARENTE, 2004, p. 1).

“Desse modo a ditadura hutu se mascarou de democracia popular, e as lutas pelo poder em Ruanda se tornaram um assunto interno da elite hutu, assim como haviam se resumido no passado às rixas entre os clãs reais tutsis” (GOUREVITCH, 2006, p. 60).

Nas independências, após a partida dos europeus, cada um dizia: ‘Sou eu que devo comandar’. Os tutsis apoiaram-se nas suas funções de direção tradicional na sociedade, e os hutus – que eram em maior número –

apoiaram-se na legitimidade democrática, no princípio da maioria. (KI-ZERBO, 2006, p. 53)

Por outro lado, conforme assevera a professora Leila Leite Hernandez:

[...] foi reforçado o processo de reinvenção das identidades, por meio da mudança de critérios de exclusão, por parte das próprias autoridades belgas, com o apoio da Igreja católica local e dos franceses, que passaram a apoiar ostensivamente os hutus contra tutsis, alimentando a guerra e o genocídio. (2008, p. 429)

E, aparentemente, por falta de uma Conferência Nacional que pudesse reestruturar a nação ruandesa, a luta pelo poder e as diferenças entre os grupos foram-se acentuando cada vez mais, a ponto de terem se separado de tal maneira que hoje em dia fala-se em “etnias diferentes, quando, na realidade, ambos têm a mesma língua e a mesma cultura social. Uns e outros tiveram funções coletivas diferentes, mas pertencem ao mesmo povo” (KI-ZERBO, 2006, p.53).

O que se vê é que assim como na maioria dos países africanos, Ruanda teve um processo de colonização “violento”, onde a cultura e tradição interna do país não foram respeitadas. As rivalidades entre um povo e outro já existiam, mas foram intensificadas para que os europeus, principalmente a Bélgica pudesse estabelecer sua dominação. É o famoso “dividir para melhor dominar”. E ao se retirarem, deixaram para trás um país dividido e marcado pelo ódio. O que antes era um povo harmonioso e com um espírito de unidade, passou a ser inimigos em uma verdadeira guerra, onde a luta pelo poder e domínio chegou ao monstruoso e assustador cenário do genocídio.

1.2 Primeiros Conflitos

Em 1958 foi fundado o partido tutsi chamado Union Nationale Rwandaise (Unar) e em 1959 fundou-se o conhecido Parmehutu (Parti du

Mouvement de l'Émancipation Hutu), que era o partido hutu. E, “desde os primeiros dias de novembro de 1959, a característica principal no centro de Ruanda foi a violência política entre os seguidores de ambos os partidos, provocando uma revolta popular que atingiu o oeste e em particular o norte do país” (HERNANDEZ, 2008, p. 427).

A partir de 1959 os tutsis passaram a ser cada vez mais perseguidos pelos hutus. Eram desalojados de suas casas por meio de incêndios e assassinatos. E o fato desses matadores não serem punidos e estarem sob a proteção do Estado os encorajava ainda mais a “varrerem” os tutsis de seu país. (HATZFELD, 2005, p. 66)

Élie Mizinge explica: ‘Acho que a idéia do genocídio germinou em 1959, quando começamos a matar pencas de tutsis sem ser punidos; e desde então nunca a enterramos totalmente. De seu lado, os intimidadores e os manejadores de enxada tinham se posto de acordo’ (HATZFELD, 2005, p. 66)

No entanto, é bom lembrar que antes do “espancamento de Mbonyumutwa ascender o pavio em 1959, nunca havia sido registrada uma violência política sistemática entre hutus e tutsis - em nenhum lugar” (GOUREVITCH, 2006, p. 57).

Por outro lado, os tutsis que haviam fugido para o exílio começavam a se organizar e realizavam pequenos ataques esporádicos em Ruanda contra os hutus, que revidavam com muito mais força e crueldade. Como se pode observar nos filmes sobre Ruanda, as rádios batizaram esses guerrilheiros de “baratas”, pois eram como pragas que “grudavam” e que para livrarem-se tinham que esmagar. Mas os próprios tutsis não se incomodavam com o apelido, porque a palavra reforçava a clandestinidade do grupo e a imagem de indestrutíveis.

Foi então que em 1963, uma invasão expressiva e dramática ocorreu no sul de Ruanda por “baratas” vindas do Burundi e chegou a vinte quilômetros da capital, Kigali, antes de serem detidos pelo exército ruandês. O governo, furioso e não satisfeito com a vitória, ordenou um ataque aos “contra-revolucionários” que equivalia dizer matar e destruir lares. Só em Gikongoro, foram mortos 14 mil tutsis em menos de uma semana. Matavam-se homens, mulheres e crianças que após

terem suas roupas e objetos de valor furtados, eram simplesmente jogados no rio. No começo de 1964, o número de exilados tutsis chegava a 250 mil. (GOUREVITCH, 2006, p. 62-63)

No ano de 1973, no Burundi, a situação era a inversa de Ruanda. Naquele país os tutsis é que estavam no poder e reprimiam os hutus. E numa campanha pela “paz” o exército nacional matou pelo menos 100 mil hutus e 200 mil se refugiaram nos países vizinhos, o que incluía Ruanda. Com isso, é óbvio que as perseguições e matanças dos tutsis em Ruanda aumentaram muito naquele ano, como numa tentativa de compensar o que ocorria no país vizinho. (GOUREVITCH, 2006, p. 66)

Foi então que em julho do mesmo ano o general Juvénal Habyarimana, que era ministro da defesa, declarou-se presidente, destituindo seu primo Grégoire Kayubanda, dissolveu a Assembléia Nacional e aboliu as atividades políticas, pedindo uma trégua nos ataques aos tutsis (HISTÓRIA, s.d., p. 1).

A Segunda República, como fora chamado este período, prometia reconciliação e desenvolvimento ao povo ruandês. O presidente Habyarimana era um hutu moderado, no entanto comandou o país rigidamente.

Para isolar os compatriotas tutsis, acusados de comportamentos sub-reptícios, ele decretou o confisco de bens, deslocamento da população, leis de exclusão, cotas escolares, leis de proibição de casamentos mistos (em vigor até 1976) e, sobretudo vagas recorrentes de massacres... (HATZFELD, 2005, p. 65)

Em 1975 fundou o Movimento Revolucionário Nacional pelo Desenvolvimento (MRND), partido único onde todo cidadão era membro por lei. A exclusão tutsi continuava, e por representarem à época apenas 9% da população, essa era a porcentagem de suas oportunidades, eram cotas que se impunham.

Membros de forças armadas eram proibidos de casar com tutsis, e nem é preciso dizer que eles mesmos não podiam ser tutsis. Dois tutsis finalmente conseguiram ter assento no parlamento fantoche de Habyarimana, e um posto ministerial simbólico foi concedido a um tutsi. Se os tutsis pensavam que mereciam mais que isso, mal chegavam a se queixar; Habyarimana e seu MRND prometiam deixa-los viver em paz, e isso era mais do que haviam podido usufruir no passado. (GOUREVITCH, 2006, p.68)

Em 1978, eleições foram organizadas e uma nova constituição foi aprovada. Habyarimana que era o único candidato a concorrer às eleições foi confirmado como presidente, que foi novamente eleito em 1983 assim como em 1988, na forma de um regime totalitário (HISTÓRIA, s.d., p. 1).

O presidente trouxe de volta o “trabalho comunal obrigatório”, o que desagradou a muitos hutus, que dependendo da localidade, viviam quase tão marginalizados e reprimidos quanto os tutsis. A maioria da população estava pobre enquanto o presidente e seus protegidos ficavam cada vez mais ricos.

Foi também nesse período que a França iniciou sua assistência militar a Ruanda, fato que mais tarde traria conseqüências dramáticas. Outros países como Suíça, estados Unidos, Japão, Bélgica, Canadá e Itália também faziam suas contribuições financeiras para a prosperidade do “País das Mil Colinas”. Como mostra o filme “Hotel Ruanda”.

No entanto, o presidente Habyarimana que atraía tanto apoio internacional, dentro de seu próprio território não era dono de seu poder. Estranhamente, sua mulher Agathe, que era de família importante, possuía sua própria corte dentro da corte, que era chamada de *akazu*⁶. Esse núcleo “poderoso” mais tarde seria conhecido como “Poder Hutu”.

No ano de 1989, Ruanda começou a passar por dificuldades. O preço de seus maiores produtos de exportação, chá e café, caíram bruscamente, o Banco Mundial exigia ajustes e cortava verbas. Os impostos estavam cada vez mais altos e o trabalho obrigatório se tornava ainda mais intenso. Histórias de corrupção vieram à tona. E nesse contexto, vários opositoristas ao MRND surgiam cada vez mais fortes e organizados.

Nesse ano também chegou ao fim a Guerra Fria. Os países da Europa Ocidental e da América do Norte, que haviam vencido a guerra, começaram a exigir que os países da África a quem eles concediam apoio comesçassem a se democratizar. Por causa dessas intimidações, o presidente anunciou um projeto de democratização que incluía um sistema político multipartidário e prometia a elaboração de uma nova Constituição (RUANDA, s.d., p. 2).

⁶ Akazu significa pequena casa

O clima de instabilidade e temor em Ruanda aumentou ainda mais. De um lado os hutus opositores que ansiavam por mudanças, de outro os hutus do MRND e principalmente da *akazu* insatisfeitos em perder ou pelo menos diminuir seu poder e, por fim, os tutsis que se sentiam ainda mais excluídos.

Assim, no exílio eles se tornavam cada vez mais fortes e organizados militarmente. Formaram um exército rebelde e deram-se o nome de Frente Patriótica Ruandesa (FPR). E em 1º de outubro de 1990 realizaram uma invasão a partir de Uganda, dessa vez chegaram até a periferia de Kigali e declarou guerra contra o regime do presidente. Mas as forças rebeldes foram então repelidas pelo exército ruandês (RUANDA, s.d., p. 2).

Na verdade, acredita-se que esse ataque não tenha sido tão significativo, porém, tornou-se um bom motivo para que o presidente e seus cúmplices exagerassem a impressão de ameaça por parte dos tutsis ao Estado ruandês. A FPR passou a ser um inimigo de todos os hutus, que deveriam agir rapidamente para “esmagá-los”.

A invasão da FPR ofereceu à oligarquia de Habyarimana sua melhor arma contra o pluralismo: o fantasma unificador de um inimigo comum. Seguindo a lógica da ideologia de Estado – segundo a qual a identidade é sinônimo de política e a política é sinônimo de identidade - , todos os tutsis eram considerados ‘cúmplices’ da FPR, e os hutus que não compartilhassem essa visão eram vistos como traidores que defendiam os tutsis. (GOUREVITCH, 2006, p. 81)

Listas com nomes de tutsis mais influentes, ricos e instruídos foram feitas e essas pessoas foram também as primeiras a serem presas, assim como os hutus moderados. Ao todo, quase 10 mil pessoas foram presas nessa época e havia ataques em massa.

Uma febre apoderou-se de Ruanda. Listas de vítimas haviam sido preparadas de antemão. Isso ficou claro nas transmissões da rádio Mille Collines, que fornecia os nomes, endereços e placas de automóveis de tutsis e hutus moderados. ‘Eu ficava ouvindo’, lembrou um sobrevivente, ‘porque se o nome de uma pessoa fosse mencionado no rádio, com toda certeza ela será levada pouco tempo depois pelas Interahamwe. Ficava sabendo que tinha de mudar de endereço imediatamente’. (POWER, 2004, p. 383)

Como no caso da aldeia de Kibilira, onde 350 tutsis foram mortos em três dias e 3 mil deixaram suas casas. E tudo graças ao “trabalho” dos hutus que realizavam o trabalho comunal obrigatório nas colinas e pântanos e que anteriormente haviam convivido com seus vizinhos tutsis amigavelmente. Para muitos, esse foi o começo do genocídio. (GOUREVITCH, 2006, p. 81-82)

Nesse contexto, a mídia escrita e falada começou a ter papel muito importante na organização e incentivo de massacres. Havia um jornal chamado *Kanguka*, que significa “Desperte” que criticava o governo, mas de uma forma geral e não especificamente falava sobre a questão das “etnias”.

Foi por isso que nessa época surgiu um jornal intitulado *Kangura* que quer dizer “Faça despertar”, lançado pelos líderes da *akazu* considerado concorrente do *kanguka*. Esse jornal passou a publicar documentos que “incriminavam” a FPR de armar conspirações contra os hutus e o governo, publicava piadas e sátiras contra os tutsis e conclamava a população hutu a se unir. O jornal chegou a ponto de publicar um documento chamado de “Os Dez Mandamentos Hutus”, muito divulgado e bem aceito entre os hutus, reconhecendo-o como lei. (POWER, 2004, p. 389)

Na verdade, os ruandeses são assim, naturalmente desconfiados. Por isso, os hutus inventavam “razões” para seus ataques e o povo as abraçava naturalmente. Durante todo esse período falsas notícias eram divulgadas, falsos documentos descobertos, falsas incriminações imputadas. A feitiçaria também era um elemento presente nessa cultura, por isso todos tinham medo, todos desconfiavam uns dos outros. Era preferível e, também mais seguro, receber as notícias e acatar as ordens junto com todo mundo, do que ignorá-las e pagar “o preço” isoladamente.

Países como a Bélgica, França e Zaire mandavam armas e tropas para apoiar as Forças Armadas Ruandesas (FAR) no contra-ataque a Frente Patriótica Ruandesa, sendo que a presença da França mais uma vez foi decisiva para Ruanda, já que o apoio das tropas francesas que contava até com pára-quedistas fez com que a FPR recuasse, com centenas de tutsis chacinados. É o que se constata pelos filmes “Hotel Ruanda”, “Tiros em Ruanda” e “História de um massacre”.

Aparentemente, as Forças Armadas Ruandesas gostava de simular ataques em seus próprios acampamentos para que os motivos em combater os tutsis rebeldes fossem mais claros e também para que a população se sentisse verdadeiramente ameaçada por eles.

Em 1991, as reformas políticas começaram a acontecer, entre elas, a principal e mais esperada, era o multipartidarismo. Porém, o clima tenso só fez aumentar. Era um cenário político desorganizado, onde todos estavam contra todos e a única preocupação era pelo domínio do poder e perseguições contra os opositoristas, sejam eles de qual partido ou etnia fossem. (RUANDA, s.d., p 1)

Nessa época surge também o “Poder Hutu”, que consistia em discursos ideológicos calorosos e entusiásticos dos hutus contra os tutsis. Foi Froduald Karamira quem batizou os comícios com esse nome. Curiosamente, Karamira era um tutsi, porém, desde muito novo havia conseguido documentos falsos hutu e quando as perseguições começaram se mostrou totalmente adepto ao hutuísmo, esquecendo suas origens, familiares e amigos.

“Em 1991, assim que os rebeldes conquistam terreno, o essencial dos discursos nos comícios dos partidos políticos, principalmente os do presidente da República e de seus ministros, consiste em brandir ameaças contra os tutsis” (HATZFELD, 2005, p. 65).

Os hutus se fortaleciam e se organizavam cada vez mais através de milícias jovens que eram recrutadas e treinadas para a defesa do país. A mais importante e influente era a *interahamwe*, cujo significado é “aqueles que atacam juntos”, que era constituída de líderes políticos do Movimento Revolucionário Nacional pelo Desenvolvimento (MRND) e da *akazu*. (INTERAHAMWE, s.d., p 1)

A *interahamwe* promovia o genocídio dos tutsis abertamente e passaram a treinar para esperá-lo. Passaram a fabricar armas manuais, treinar arremessos de granada, se aprimoraram na técnica de matar e incendiar casas.

Em 1992, o presidente assina um cessar-fogo com a Frente Patriótica Ruandesa. No entanto, falsas notícias de planos tutsis para atacar hutus são publicadas nos jornais e nas rádios, que por sua vez iniciam vários massacres aos tutsis. Era tudo muito bem planejado pelas autoridades, *interahamwe*, e população

comum, trabalhadores de todos os tipos que de repente se viam com facões nas mãos, executando seus vizinhos tutsis.

JOSEPH-DESIRÉ: Desde 1992, todos os programas dos partidos hutus propunham matanças de tutsis. Eram meticulosos e fundamentados. Eram lidos nos comícios, calorosamente e aplaudidos pela platéia. Eram repetidos no rádio, sobretudo depois dos acordos de Arusha. Todo mundo podia conhecê-los e entende-los, principalmente os brancos e os tutsis. (HATZFELD, 2005, p. 197)

No ano de 1993, ocorreu uma Conferência em Arusha, na Tanzânia, na qual foi assinado um acordo de paz, onde o presidente daria fim à guerra contra a FPR. São conhecidos como os “Acordos de Arusha” e tinham como principal finalidade colocar fim aos conflitos, havia o projeto de um governo de transição e a integração entre os dois exércitos (FAR e FPR). O acordo assistia também o direito de regresso aos exilados.

Para os líderes do Poder Hutu, esse acordo assinado pelo presidente era um grande gesto de traição e passaram a desconfiar ainda mais dele, sendo que seu prestígio era cada vez menor.

O Conselho de Segurança das Nações Unidas criou a Missão de Assistência das Nações Unidas para Ruanda (UNAMIR) que deveriam diminuir a tensão entre os grupos. O major-general Roméo Dallaire era o responsável pela missão. (ACORDO, s.d., p. 1).

Dois filmes sobre o genocídio de Ruanda retratam muito bem essa questão. “Tiros em Ruanda”, do diretor Michel Caton-Jones, reconta os dias em que após o início dos massacres, quase 2.500 tutsis e hutus moderados foram buscar abrigo e proteção na Escola Técnica Oficial, que tinha o padre britânico Christopher como diretor responsável. Essa escola estava sob a proteção da ONU e, no filme, fica bem claro o poder limitado das Nações Unidas, que não poderia abrir fogo a menos que fosse primeiramente atacada e mesmo assim, suas armas não eram das melhores. No mesmo ano, os fracassos dessas missões de paz da ONU foram assistidos na Bósnia e na Somália.

“Histórias de um Massacre”, do diretor Roger Spottiswoode é outro filme que mostra a fragilidade da UNAMIR. Ele conta a história do major-general

Roméo Dallaire, que apesar de ser o responsável pela missão e de seu empenho para que a paz fosse realmente preservada em Ruanda, seu fracasso foi inevitável. Dallaire mandava avisos ao Departamento de Operações de Paz, alegando que um massacre nunca antes visto estava sendo planejado, assim como da grande e injustificada quantidade de armas e facções que Ruanda continuava importando de outros países. Porém, foi simplesmente ignorado.

O que poucos sabem e quase não se comenta é que em março de 1994, o jornal *Kangura* trouxe a seguinte manchete: “Habyarimana vai morrer em março”. O artigo explicitava que ele não seria morto por tutsis, mas sim por um hutu vendido. Acusava-o de traição e cumplicidade com a FPR. A publicação profética iniciava da seguinte forma: “‘Nada acontece sem que tenhamos previsto’ e terminava dizendo: ‘Ninguém preza mais a vida de Habyarimana que ele próprio. O importante é contar-lhe como será assassinado’” (GOUREVITCH, 2006, p. 107)

JOSEPH-DESIRÉ: As altas autoridades corromperam a guerra, com base em rancores acumulados desde as realezas tutsis, para transformá-la em genocídio. Perdemos o controle. Vimo-nos diante do fato consumado que tínhamos que consumir, se posso dizer assim. (HATZFELD, 2005, p. 197)

Portanto, os fatos que aconteceram na seqüência não podem ser considerados de forma alguma acontecimentos naturais. Mas sim, fazia parte de uma trama que vinha sendo preparada desde muito antes. Quantidades enormes de armas eram importadas, o exército treinava, a *interahamwe* cantava e mesmo sob todas essas evidências, nada foi feito. O mundo estava prestes a assistir a um genocídio que poderia muito bem ser evitado se as forças militares da ONU tivessem um mandato mais impositivo e protetor. Poderia ser evitado se países como a França não tivesse exportado armas, pensando somente no lucro e poder que teria, ao invés de pensar no número de vidas inocentes que elas poderiam ceifar. E mais uma vez na história dos grandes conflitos mundiais, nada foi visto, nada foi dito, e principalmente, nada foi feito.

2 O GENOCÍDIO

Um dos filmes mais conhecidos e premiados sobre Ruanda, chama-se “Hotel Ruanda”, do diretor Terry George. Ele conta a história de um hutu chamado Paul Rusesabagina. Na época ele era gerente do “Hotêl des Milles Collines” e através de seu bom coração, bons contatos e um pouco de suborno, conseguiu salvar a vida de mais de 1.200 tutsis, que permaneceram abrigados no hotel durante as matanças. O filme mostra que em Ruanda o clima era de tensão, e em abril de 1994, as rádios começavam a anunciar que alguma “coisinha” iria acontecer em Ruanda nos próximos dias e que o som de balas e granadas iria ser ouvido.

“Nas duas últimas semanas, toda Kigali tem vivido sob a ameaça de uma operação relâmpago, cuidadosamente preparada, para eliminar todos os que dão trabalho ao presidente Habyarimana” (POWER, 2004, p. 381).

Então, na noite de 06 de abril de 1994, as rádios anunciavam que o avião onde o presidente Habyarimana e seu colega hutu Cyprien Ntaryamira, presidente do Burundi estavam, havia sido derrubado e não havia sobreviventes. Na época, a FPR foi responsabilizada pelo “atentado” e esse teria sido o principal motivo, o estopim, para que todos os hutus matassem todos os tutsis. Essa era a ordem.

Porém, diante dos fatos anteriormente narrados, fica claro que o assassinato do presidente fora premeditado e organizado pelos líderes hutus e não pelos tutsis. O Poder Hutu não estava satisfeito com o presidente já há algum tempo. Não o achavam suficientemente severo com os tutsis, a população estava cada vez mais pobre e como se não bastasse, o presidente vinha assinando acordos de paz e estabelecendo cessar-fogo entre os hutus e tutsis, tudo com a vistoria da ONU.

Relatos dos sobreviventes do massacre contam que logo após a queda do avião em que estava o presidente, uma onda de assassinatos e pilhagem começou e instintivamente os tutsis abandonavam suas casas e procuravam abrigos. Nas estradas começaram a surgir bloqueios, onde as pessoas eram

revistadas e suas identidades era a maior prova de suas etnias e, conseqüentemente suas posições políticas (MUNANGA, 2004, p. 8).

O que se pode constatar depois do trabalho dos veículos de comunicação e do julgamento dos principais envolvidos, é que a morte do presidente Habyarimana foi arquitetada pelo Poder Hutu, onde todos os líderes oposicionistas ou líderes moderados não só deveriam como seriam os primeiros a serem assassinados. Além da conveniente justificativa de ataque que suas mortes proporcionavam.

A exemplo do que ocorreu com a primeira-ministra Agathe Uwilingiyimana, cuja casa foi cercada por soldados belgas da UNAMIR. No entanto, o contingente contava somente com dez soldados, que em menor número e inferiormente armados, acabaram sendo seqüestrados, torturados e mortos pelo exército ruandês. Este fato foi decisivo para que a ONU diminuísse ainda mais sua intervenção em Ruanda, pois passou a retirar seus soldados do país e a apoiar os estrangeiros a deixar o Estado. Retiravam os “brancos” dos hospitais, igreja, maternidade, convento e os levavam de carro até o aeroporto, onde seguiam para seus países ou para qualquer outro lugar fora dali, que fosse seguro.

Valérie Nyirarudodo, enfermeira e parteira na maternidade Sainte-Marthe, lembra-se: ‘Eles pararam defronte do portão. Pediram às três irmãs brancas que aprontassem a bagagem de mão, imediatamente. Disseram: ‘Não adianta nada perder tempo com despedidas, é pra já’. Essas suíças pediram para ser acompanhadas por suas colegas tutsis de capuz branco. Os militares responderam: ‘Não, elas são ruandesas, o lugar delas é aqui, é preferível deixa-las com seus irmãos e irmãs’. O comboio partiu, seguido por uma caminhonete de interahamwe cantando. É claro que pouco depois as freiras tutsis foram decepadas, como os outros’. (HATZFELD, 2005, p. 104)

O filme “Tiros em Ruanda” mostra claramente que os soldados da ONU não estavam ali para estabelecerem ou manterem a paz. Faziam questão de ponderar o tempo todo que manter a paz dependia do desejo e esforço da população (hutus e tutsis). Eles estavam ali somente para monitorá-la.

Neste filme, o conselheiro de Kigali, Zibomana deixa claro que os hutus preferiam que os “brancos” fossem embora, para que não atrapalhassem o “trabalho” deles. Os hutus diziam que os “ruandeses devem cuidar dos ruandeses”.

E graças a intervenção da ONU e de países como a França, os “brancos” foram mesmo embora, não querendo ver aquilo em que não podiam acreditar. Um genocídio é algo sobrenatural, como diziam os próprios ruandeses.

O extermínio da população tutsi, que havia sido preparado há meses pelos hutus finalmente teve início. No entanto, esse “trabalho”, como era denominado pelos hutus, não ficou restrito apenas ao exército e a *interahamwe*, mas, como se pode ver no filme “Tiros em Ruanda”, se estendeu a toda população que através das rádios era conclamada a matar todos os tutsis e hutus moderados.

E de repente, cidadãos comuns pegavam facões e saíam às ruas para “caçar” os tutsis, para exterminá-los. Por cidadãos comuns entendem-se os lavradores dos campos, professores, médicos, jogadores de futebol, prefeitos, padres e pessoas que conviviam lado a lado, como vizinhos. Nada e nem ninguém (salvo os que conseguiram escapar ou se esconder) estava a salvo.

Nas colinas, onde o número de lavradores hutus era muito grande, reuniões eram feitas em campos de futebol e a população era orientada a matar todos os tutsis, a vasculhar as matas, pântanos, papiros e todos os lugares onde “as baratas” pudessem se esconder. Para os lavradores, que geralmente estavam acostumados com os facões, a tarefa não era muito difícil, era só seguir a ordem. “A regra número um era matar. A regra número dois, não havia. Era uma organização sem complicações.” (HATZFELD, 2005, p. 20)

Jean Hatzfeld é um jornalista francês que escreveu sobre o genocídio de Ruanda, o holocausto ocorrido na Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial, e sobre várias outras guerras como a da Bósnia e Somália. Em seu livro *Uma temporada de facões: relatos do genocídio de Ruanda*, o autor ouviu o depoimento de um grupo de dez matadores em Ruanda, presos na penitenciária de Rilima, onde cumprem pena pelos crimes cometidos durante as matanças. Eles eram amigos desde a infância, estudaram juntos e moravam perto uns dos outros. A franqueza de seus relatos impressiona e por isso serão transcritos, para mostrar a realidade daquela época, assim como os relatos de algumas vítimas de seu livro e também da obra de Philip Gourevitch.

Ignace Rukiramacumu explica como as matanças nas colinas eram organizadas:

IGNACE: A gente se reunia numa multidão de mil pessoas no campo, partia para as matas em companhia de cem ou duzentos caçadores, éramos levados por dois ou três homens armados de fuzil, militares ou intimidadores. Na borda lamacenta das primeiras fileiras de papiros, a gente se separava em grupos de conhecidos. (HATZFELD, 2005, p. 23)

Por serem lavradores, a maioria dos hutus estava familiarizada com o facão. No entanto, havia os que nunca tinham matado nem mesmo uma galinha sequer e pagavam a outras pessoas para fazê-lo. Por isso, quando as matanças começaram, a maioria tinha técnica apurada para matar as pessoas. As que não sabiam, ou se intimidavam com o facão, a *interahamwe* estava lá para ensiná-los. Além do que, o facão custava menos do que o fuzil e por isso foi muito mais utilizado do que as armas.

ÉLIE MIZINGE: O porrete quebra mais, mas o facão é mais natural. O ruandês está acostumado com o facão desde a infância. Agarrar um facão na mão é o que fazemos toda manhã. Cortamos os sorgos, talhamos as bananeiras, desmatamos os cipós, matamos as galinhas. Até as mulheres e as meninas pegam o facão para as tarefas menores, como rachar lenha para a cozinha. É esse mesmo gesto para diferentes utilidades que nunca nos deixa desorientados. Quando você se serve do ferro para cortar o galho, o animal ou o homem, ele não dá palpite. Basicamente, um homem é que nem um animal, você o corta na cabeça ou no pescoço, ele morre por si só. Nos primeiros dias, quem já tinha matado galinhas, e sobretudo cabras, levava vantagem; compreende-se. Mais tarde, todo mundo se acostumou com aquela nova atividade e recuperou o atraso. (HATZFELD, 2005, p. 46)

A forma como os tutsis eram reconhecidos pelos hutus no meio do “bruaá”⁷ das matanças é interessante, para não dizer assustadora, tendo em vista que ambos falavam a mesma língua, tinham a mesma religião, moravam no mesmo lugar e até mesmo as diferenças físicas não eram assim tão perceptíveis. A resposta é muito simples: os assassinos sabiam quem eram suas vítimas unicamente porque eram seus vizinhos, alunos ou professores, padres ou fiéis, médicos ou pacientes, gente que se viam todos os dias, e que nunca chegaram a ter verdadeiramente um conflito com essas pessoas. Era um vilarejo e todos sabiam da vida de todos, sem exceção.

⁷ Bruaá era uma das formas pela quais os hutus se referiam ao genocídio. Bruaá era usada como confusão, agitação.

E, um dos fatos mais espantosos é que, em Ruanda, assim como em muitos lugares do mundo, vários ditadores já conseguiram a submissão de sua população, mas em nenhum caso foi registrado, assassinos que marchavam em grupos cantando, enquanto realizavam seu “trabalho”.

IGNACE: Os que queriam cantar cantavam. Não escolhíamos canções especiais para reforçar o encorajamento, não cantávamos nenhum verso patriótico como esses das músicas do rádio, nenhuma palavra feia ou que caçoasse dos tutsis. Não precisávamos de estrofes de estímulo, escolhíamos com a maior naturalidade canções tradicionais que nos agradavam. Em suma, éramos um coral em marcha. Nos pântanos, bastava vasculhar e matar, até o apito final. Às vezes um tiro de fuzil substituía o apito, e essa era a única novidade do dia. (HATZFELD, 2005, p. 23-24)

Em Ruanda, as pessoas procuravam abrigo em locais que consideravam seguros como igrejas, conventos, hospitais, escolas e maternidades. No entanto, nenhum desses lugares foi poupado. Pelo contrário, o maior número de pessoas mortas de uma só vez foram ali registrados. E o pior é que essas pessoas geralmente procuravam abrigos nesses lugares porque alguma autoridade como prefeitos ou padres ou tinha encaminhado para lá. Ficavam protegidos uns poucos dias, subornavam o exército algumas vezes, mas a verdade é que o fim era inevitável. É como mostra o filme “Tiros em Ruanda”, onde a Escola Técnica Oficial abrigou e protegeu com a ajuda da ONU muitos tutsis e alguns hutus moderados também, no entanto, quando a ONU bateu em retirada alguns dias depois, deixou que aproximadamente 2.500 pessoas fossem assassinadas na Escola.

Uma chacina “famosa” ocorreu em uma igreja católica, na montanha de Nyarubuye, onde centenas de pessoas foram mortas a facões e tiros de fuzil. Homens, mulheres, crianças, velhos. Nessa igreja, nem mesmo as estátuas ficaram intactas. Elas foram decapitadas, assim como os tutsis, um a um.

E o curioso desse episódio é que os corpos e restos mortais da igreja de Nyarubuye nunca foram enterrados. Permaneceram da mesma forma e disposição com que foram mortos, para que servisse de lembrança, um verdadeiro memorial.

Gitera Rwamuhuzi era habitante local e participou do massacre da igreja. Para ele, como a Frente Patriótica Ruandesa foi responsabilizada pela morte

do presidente Juvénal Habyarimana, o povo hutu de sua aldeia foi levado a acreditar que os tutsis haviam começado a matar os hutus por gente da cúpula e que depois viriam os lavradores comuns como ele.

'Na manhã de 15 de abril de 1994, cada um de nós acordou sabendo o que devia fazer e aonde ir porque nós tínhamos feito um plano na noite anterior. De manhã nós acordamos e começamos a caminhar para a igreja [...] Éramos tantas pessoas que estávamos tropeçando uns nos outros. As pessoas que carregavam granadas lançaram-nas. Os tutsis começaram a gritar por ajuda. Enquanto elas gritavam, os que portavam arma abriram fogo. Elas gritaram que estavam morrendo, pediam ajuda, mas os soldados continuavam atirando. Eu entrei e, quando vi um homem, eu bati nele com uma marreta e ele morreu [...] Havia mais matadores do que vítimas. Quando nós entramos, era como se estivéssemos competindo para matar [...] Aqueles que nós atacávamos não diziam nada. Eles estavam apavorados e ninguém disse nada. Eles devem ter se sentido traumatizados [...] Eu vi gente com mãos amputadas, sem pernas, e outros sem cabeça. Eu vi de tudo. Especialmente gente rolando no chão e gritando de dor, sem braços, sem pernas. Gente morrendo em condições muito ruins. É como se nós tivéssemos sido possuídos por Satã [...] Nós não éramos nós mesmos. Começando por mim, eu acho que eu não estava no meu normal. Não se está normal quando se começa a massacrar pessoas sem motivo [...] Essas pessoas eram meus vizinhos. A imagem da morte deles talvez jamais deixará a minha mente. Todo o resto eu posso tirar da cabeça, mas essa imagem nunca irá embora' (RUANDA, 2004, p. 1-3)

A franqueza de seu depoimento assusta, porém, ele torna-se ainda mais verdadeiro quando Flora Mukampore, sobrevivente tutsi do massacre da igreja, relata sua experiência daquele dia. Ela teve 17 parentes mortos no genocídio e afirma que em 15 de abril de 1994, as pessoas que estavam na igreja acreditavam que ninguém ousaria atacar um lugar sagrado. E acrescenta que nunca imaginou que todos pudessem ser mortos, pois eram muitas pessoas. E tudo se torna ainda mais real quando declara que seu vizinho Gitera realmente estava entre os assassinos.

'Todos aqueles que estavam sendo mortos caíram em cima de mim porque eu estava perto da porta [...] Meu corpo estava coberto de sangue, que começou a secar, então os assassinos pensaram que eu estava morta [...] Pude ouvir um homem se aproximando e acho que ele percebeu que eu estava respirando. Ele bateu na minha cabeça perguntando 'essa coisa ainda está viva?' Imediatamente ouvi todo o meu corpo gritar 'uhaaa'. Algo em mim mudou para sempre. Tudo parou. Depois, quando o vento frio soprou, eu recuperei os sentidos. Mas não percebi que haviam corpos ao meu redor. Não lembrava o que havia acontecido. Pensei que eles seriam pessoas normais, então dormi ao lado deles, como havíamos dormido

antes da chegada dos assassinos. Mais tarde ouvi uma garota dizendo: 'ela está podre, acabou para ela. Ela parece humana para você?' Então percebi que todos ao meu redor haviam morrido. Quando eles me fizeram sentar, percebi que haviam vermes e comecei a remove-los do meu corpo. Você consegue imaginar viver entre os mortos? Em algum momento Deus me ajudou e me fez inconsciente porque se eu não estivesse, talvez tivesse cometido suicídio [...] Veja só, as pessoas morreram no dia 15 de abril e eu vivi entre eles até o dia 15 de maio'. (RUANDA, 2004, p. 1-2)

Outra igreja que foi alvo de ataques freqüentes foi a Sagrada Família que fica em Kigali. No dia 15 de abril de 1994, 150 homens foram mortos, e eram escolhidos um a um. "Os assassinos tinham listas, e muitos deles eram vizinhos das vítimas e podiam reconhecê-las ao primeiro olhar" (GOUREVITCH, 2006, p. 122).

Bonaventure Nyibizi, um sobrevivente tutsi relata como conseguiu escapar com sua família naquele dia:

'Entre numa pequena sala com minha família, e assim que fechei a porta a Sagrada Família se encheu de soldados, milicianos e policiais. Começaram a perguntar por mim, mas por sorte não arrombaram a porta do lugar onde eu estava. Fiquei lá com minha mulher e as crianças. Havia umas vinte pessoas ao todo naquele cômodo minúsculo' Bonaventure tinha com ele uma filha de três meses. 'Mantê-la em silêncio foi o mais difícil'. (GOUREVITCH, 2006, p. 123)

E ao ser perguntado sobre a atitude e postura dos padres, respondeu:

'Um deles era bom, mas ele próprio foi ameaçado, então se escondeu em 13 de abril, e o outro padre responsável estava muito à vontade com a milícia. Era o famoso padre Wenceslas Munyeshyaka. Era muito ligado ao exército e à milícia, e andava com eles para lá e para cá. Em princípio não chegou a denunciar ninguém, mas não fez nada pelas pessoas' (GOUREVITCH, 2006, p. 123)

Na maternidade Sainte-Marthe, enfermeiras, parteiras e parturientes e cidadãs comuns vinham junto com seus filhos em busca de abrigo. Por três dias pagaram ao exército a quantia de 200 mil francos.

Valérie: 'No terceiro dia, não podíamos mais pagar uma soma daquela. Os militares disseram que não fazia mal, porque não podiam mesmo fazer mais nada por nós. Assim que saíram, os interahamwe chegaram. Eram muito numerosos, pois sabiam que aquela maternidade suíça era opulenta

e tinha sido bem abastecida: com sacos de grãos, colchões de molas, água destilada e remédios. Primeiro apanharam tudo o que encontraram, sem deixar nada; depois mataram todos que encontraram, sem poupar ninguém; finalmente revistaram os cadáveres das mulheres de bom nível, para ter certeza de que não haviam esquecido nada'. (HATZFELD, 2005, p. 100)

Negociar com o exército ruandês era uma prática muito comum naqueles dias. Para quem tinha uma boa situação financeira, é claro. O exército podia poupar a vida dessas pessoas por alguns dias em troca de produtos baratos como cervejas e cigarros. Jóias e alguns mil francos também eram oferecidos e poupavam vidas enquanto era conveniente e lucrativo para eles.

Do mesmo modo, entre os hutus, aqueles que faltassem ao “trabalho” deveriam pagar multas ou cumprir castigos.

FULGENCE BUNANI: Se estava doente, devia se explicar, abertamente. Se pedia um dia de folga para preparar o *urwagwa*⁸, tinha de oferecer uma cota da bebida em barris. Se estava simplesmente fraco, pelo excesso de bebida durante a noite, a coisa podia passar sem problema; era compreensível, para qualquer pessoa, só que não devia se repetir logo em seguida. Mas aí de você caso aproveitasse para ficar zanzando no centro comercial durante o dia. Se você fosse pego, era mandado de volta imediatamente, na frente de todo mundo. (HATZFELD, 2005, p. 85)

PIO MUTUNGIREHE: Todo dia subíamos até o estádio, depois decidíamos. Para os lavradores era obrigatório. Quem trapaceava era castigado com uma multa. Em geral ela custava 2 mil francos, mas dependia da gravidade. Se você não podia pagar, dava um garrafão de *urwagwa* ou uma folha de zinco de qualidade. Houve até quem pagasse a multa com uma cabra. (HATZFELD, 2005, p. 85)

Embora os números não sejam precisos, em Ruanda, a grande maioria das mulheres tutsis foi estuprada antes de serem mortas. E era uma prática até natural e feita pelos homens sem remorso, já que aquelas mulheres deveriam ser mortas de qualquer jeito, por que não se divertir com elas um pouco antes?

⁸ Urwagwa é uma bebida muito conhecida nas colinas, é um vinho de banana muito forte. Sua produção é feita enterrando-se bananas por três dias em um buraco para que fiquem maduras. Espreme o suco e mistura-se com farinha de sorgo para fermentar por mais três dias, sendo que deve ser consumido nos três dias seguinte à fabricação.

ADALBERT MUNZIGURA: Havia duas categorias de estupradores. Os que pegavam as garotas e a usavam como mulheres até o fim, às vezes até na fuga para o Congo. Aproveitavam-se dessa situação para dormir com umas tutsis bonitonas, mas em troca demonstravam um pinguinho de consideração. E os que as agarravam para fazer sexo só para se divertir enquanto bebiam. Violentavam-nas por um tempinho e logo depois as entregavam para ser mortas. Não havia nenhuma recomendação das autoridades, as duas categorias tinham liberdade de fazer o que quisessem. (HATZFELD, 2005, p. 112)

A consequência ainda mais triste é que dessas mulheres estupradas, aproximadamente 65% contraiu AIDS, assim como houve um grande número de crianças infectadas e abandonadas por terem sido fruto dessas violências. E em 1999, aproximadamente 130 mil crianças com menos de 05 anos estavam infectadas pelo vírus do HIV, segundo os dados fornecidos pelo Programa Nacional Ruandês de Luta contra a AIDS (PNLS).

Prova disso é o relato feito pela jornalista Graciela Damiano, que esteve em Ruanda em 2001 e entrevistou uma sobrevivente tutsi:

Winifrid Mukagihana, uma tutsi que conheci em Kigali, disse que cinco dos seis filhos dela foram mortos no genocídio de 1994, assim como o marido. Aparentando ter mais de 40 anos, ela diz que foi estuprada por um grupo de milicianos hutus. Ela estava grávida na época e deu à luz apenas para ver o recém-nascido atirado aos cães. Ela também contraiu o vírus HIV, como 65% das mulheres estupradas durante o genocídio. Winifrid vive de memórias, caridade e uma indenização do governo que mal chega aos 50 reais por mês. (2003, p. 3)

Durante os 100 dias do genocídio, nenhum casamento ou batizado foi realizado. Nenhuma partida de futebol ou celebrações importantes foi comemorada. O único motivo que os hutus achavam para festejar eram os bons tempos de fartura em que estavam vivendo. Isso porque os hutus não criavam vacas, na verdade não sabiam como criá-las. Viviam da lavoura e se davam por satisfeitos quando não precisavam comprar comida no mercado. Aliás, as vacas eram motivos de discussões entre os vizinhos tutsis e hutus, porque estes reclamavam que as vacas dos tutsis invadiam suas plantações e estragavam tudo. Como exposto no capítulo anterior, no tópico 1.1 Surgimento das “Etnias”, os tutsis tinham melhores condições econômicas que os hutus e por isso não só comiam, como se vestiam melhor. Tinham rádios em suas casas, jóias e boas folhas de zinco em seus telhados.

Com as matanças vieram as pilhagens e com isso os hutus desfrutaram de tudo aquilo que nunca haviam tido na vida. Comiam carne, vestiam-se bem, ouviam bons rádios e cobriam suas casas com folhas de zinco. Para muitos, a felicidade provocada pelo genocídio os cegava quanto aos sentimentos de culpa e remorso.

FULGENCE: Durante as matanças, os vizinhos davam a você, de passagem, mais do que se podia pôr na marmitta, uma fatura, e não cobravam nada. A carne passou a ser tão insignificante como a mandioca. Os hutus sempre se sentiram frustrados por não ter vacas, pois não sabiam cria-las. Diziam que elas não eram gostosas, mas era por causa da penúria. Por isso, durante os massacres, se esbaldavam, comiam carne de manhã e à noite. (HATZFELD, 2005, p. 73)

Clémentine: 'De noite, as famílias ouviam música, havia danças folclóricas. Música ruandesa ou burundiense. Graças à grande quantidade de rádios e toca-fitas obtidos nas pilhagens, as famílias se divertiam com a música, em todas as casas. Todos se sentiam mais ricos, igualmente, sem ciúme nem fuxico, e se congratulavam. Os homens cantavam, todos bebiam, as mulheres trocavam de vestido três vezes por noite. A farra era maior que nos casamentos, eram bacanais diárias'. (HATZFELD, 2005p. 110)

Na verdade, os hutus tinham inveja dos tutsis, de sua boa vida e de seus bens. Por invejarem também suas feições, cortavam-lhes os pés nos "tendões de Aquiles" para que ficassem menores. Mas nada justifica a união dessas pessoas para matar quase 1 milhão de outras, que eram seus vizinhos e conhecidos.

James Orbinski, ainda realizava trabalho humanitário em Ruanda nessa época. Ele era um físico canadense e descreveu a cidade naqueles dias:

'Uma terra de ninguém. A única coisa viva era o vento, exceto nos bloqueios das ruas, e os bloqueios estavam por toda parte. Os membros da *interahamwe* eram apavorantes, sedentos de sangue, bêbados - eles dançavam um bocado nos bloqueios. Tinha gente carregando familiares a hospitais e orfanatos. Levava dias para se conseguir andar dois ou três quilômetros. E chegar a um hospital não era garantia de segurança' (GOUREVITCH, 2006, p. 131)

Comparações com o Holocausto são sempre feitas. No entanto, talvez, sem todo aquele aparato tecnológico dos quais dispunham, como "metralhadoras pesas, infra-estrutura ferroviária, fichários, caminhões com monóxido de carbono e

câmaras de gás Zyklon” (HATZFELD, 2006, p. 82), os alemães não teriam conseguido matar tantos judeus. É por isso que, assustadoramente em Ruanda, com seus instrumentos arcaicos e subdesenvolvimento tecnológico, a matança se mostrou mais eficiente e ainda mais monstruosa, pois em 100 dias, quase 1 milhão de pessoas foram assassinadas. E ainda fizeram isso cantando.

O povo era a arma, e isso significava todo mundo: a população hutu inteira tinha que matar a população tutsi inteira. Além de assegurar uma vantagem numérica óbvia, esse arranjo eliminava qualquer questão sobre responsabilidade que pudesse ser levantada. (GOUREVITCH, 2006, p. 94)

As contas são muito simples, porém, assustadoras. As estimativas mais precisas são de que entre 06 de abril e 4 de julho de 1994, foram mortos entre 800 mil e 1 milhão de pessoas. Por isso, de 8 a 10 mil pessoas morriam por dia em todo o país. Isso dá entre 333 e 416 pessoas mortas por hora, ou entre 5,5 e 6,9 vidas fossem exterminadas a cada minuto.

A FPR, que avançava cada vez mais país adentro, conseguiu capturar milhares de líderes hutus e os mantinha em um estádio. Com isso conseguiam pouco a pouco negociar “trocas” com o Poder Hutu. A UNAMIR ajudou no acordo e fornecia transportes. E assim foram evacuando os “prisioneiros” pouco a pouco, caminhão a caminhão, em comboios. Os tutsis que se refugiavam em hotéis e igrejas foram salvos graças às ameaças da Frente Patriótica Ruandesa e eram levados em comboios para as zonas dominadas por ela. É o que mostra o filme “Hotel Ruanda”, onde vários comboios de pessoas foram sendo retirados do hotel. Alguns desses comboios sofreram ataques pela interahamwe que bloqueava as estradas, pois suas partidas eram divulgadas pelo rádio também. Mas no dia 18 de junho parte o último comboio da ONU para os locais dominados pela FPR, levando Paul e sua família, que conseguiram salvar 1.268 tutsis e hutus moderados.

A cidade estava dividida ao longo de seu vale central: a leste, onde Orbinski estava baseado, a FPR detinha o controle; a oeste, a cidade pertencia ao governo. A Unamir e os poucos funcionários de emergência como Orbinski gastavam horas em negociação a cada dia, tentando viabilizar trocas de prisioneiros, refugiados e feridos entre os dois lados da linha de frente. Sua eficácia era extremamente limitada. (GOUREVITCH, 2006, p. 131)

Em Ruanda, até os cachorros foram exterminados. Isso porque conforme a FPR ia avançando, matavam os cachorros que estavam devorando os corpos dos tutsis. A ONU finalmente atirava. Contra os cachorros, é claro. Isso para evitar possíveis problemas de saúde.

O descaso da ONU, dos países ocidentais e vizinhos africanos é desconcertante. As Nações Unidas retirou de Ruanda 90% de suas tropas, passando a contar com um contingente de somente 270 soldados. E a palavra genocídio era ignorada por todos. Que ela não era pronunciada pelos assassinos, compreende-se; mas não ser dita por chefes e ministros de Estado para evitar uma intervenção é ainda mais desumano do que seu próprio significado.

A porta-voz do Departamento de Estado dos Estados Unidos, Christine Shelley, declarou:

[...] rejeitar a denominação de genocídio porque 'há obrigações que aparecem em conexão com o uso do termo'. Ela quis dizer que, sendo um genocídio, a Convenção de 1948 exigia que as partes contratantes agissem. Washington não queria agir. Então Washington fazia de conta que não era um genocídio. (GOUREVITCH, 2006, p. 149)

JEAN-BAPTISTE: É uma verdade: entre nós, nunca a pronunciávamos. Muitos não sabiam nem mesmo o significado da palavra 'genocídio'.

PIO: Um genocídio parece bem extraordinário para quem chega depois, como o senhor, mas para quem se deixou confundir pelas palavras dos intimidadores e pelos gritos de alegria dos colegas, isso se apresentava como uma atividade habitual. (HATZFELD, 2006, p. 250 e 256)

Enquanto isso a FPR ia avançando do leste para o oeste e os hutus é que fugiam para o exílio agora. Os mesmo líderes que incentivavam as pessoas a matar agora, enfraquecidos e ameaçados pelo exército de aproximadamente 20 mil tutsis, encorajavam as pessoas a deixar o país e seguir para o exílio. A França, como sempre, apoiava os hutus e ofereciam-lhes mais armas e tropas francesas iam para a linha de combate.

Então, no dia 02 de julho tomou Butare e em 04 de julho de 1994 conquistaram Kigali. A FPR era comandada pelo general Paul Kagame e nesse

período, aproximadamente 1 milhão de hutus fugiram com medo de serem tratados da mesma forma com que trataram os tutsis.

Em 19 de julho, foi criado um governo de colisão entre a FPR e líderes do Poder Hutu, que tinha Pasteur Bizimungu como presidente e Paul Kagame como vice. As Forças Armadas passaram a se chamar ex-FAR e a FPR era apenas o antigo movimento rebelde, sendo que o novo exército de Ruanda foi chamado de Exército Patriótico Ruandês.

Chega ao fim o genocídio de Ruanda. Porém, o imenso número de exilados nos países vizinhos como Uganda, Burundi e Zaire são preocupantes e passou a ser motivo de novas preocupações, massacres e doenças.

Para muitos sobreviventes, aquela nação africana foi abandonada. Até mesmo para os assassinos, como Élie, o mundo inteiro virou-lhes as costas “Os boinas-azuis, os belgas, os diretores brancos, os presidentes negros, as pessoas humanitárias e os cinegrafistas internacionais, os bispos e os padres, e finalmente até Deus”. (HATZFELD, 2005, p. 164-165)

Como surgiu um genocídio como este é difícil saber, as razões são muitas e complexas. Estão intrínsecas a seu povo, talvez.

JOSEPH-DÉSIRÉ: ‘A fonte de um genocídio o senhor jamais verá, está enterrada bem no fundo nos rancores, sob um acúmulo de desentendimentos dos quais herdamos o último. Chegamos à idade adulta no pior momento da história de Ruanda, fomos educados na obediência absoluta, no ódio, fomos entupidos de fórmulas, somos uma geração sem sorte’ (HATZFELD, 2005, p. 193-194)

E, o mais preocupante é saber que se as causas não forem combatidas, as pessoas punidas, o perdão aceito e a reconciliação proposta, casos como o de Ruanda podem acontecer a qualquer momento, em qualquer lugar. Como se pode constatar no depoimento da ruandesa Jeannette: “Quando houve um genocídio, pode haver outro, a qualquer momento no futuro, em qualquer lugar, se a causa continua presente e não sabemos qual é” (HATZFELD, 2005, p. 172).

O genocídio que aconteceu em Ruanda foi a pior chacina que ocorreu depois da Segunda Guerra Mundial. E muitos sequer sabem que Ruanda é um país da África. Um genocídio é sobrenatural, como dizem os ruandeses. Mas mais

sobrenatural é o fato do mundo inteiro ficar de braços cruzados, vendo (ou não) o que se passa com seus semelhantes. A origem e razões de um genocídio devem ser sempre consideradas para que novos episódios voltem a acontecer. Ruanda hoje tem um governo estável. Com um líder que realmente pensa na “unidade ruandesa”. Tribunais foram criados, o perdão é difundido e a punição juntamente com a reconciliação são o melhor caminho para a construção de uma antiga nova nação onde tutsis e hutus possam viver em harmonia.

CONCLUSÃO

O que se concluiu é que Ruanda é um país que assim como muitos outros do continente africano, teve sua história e desenvolvimento decididos pelos métodos e valores europeus, sem levar em consideração questões importantíssimas, como a cultura milenar de um povo. Os costumes e tradição internas de Ruanda não foram importantes para a ocupação feita pelo “homem branco”. As particularidades de cada povo não foram respeitadas e a Bélgica fomentou as lutas e diferenças internas com a finalidade de estabelecer sua dominação. Rivalidades tribais e étnicas que já existiam, foram ainda mais exploradas pelos colonizadores.

O mais triste é que o resultado dessa dominação é pouco conhecido. Em 1994, a maioria da população, que era da “etnia” hutu, inicia um massacre contra a minoria tutsi que durou cem dias e resultou em quase um milhão de assassinatos. Vizinhos matavam vizinhos. Médicos, professores, jogadores de futebol e até mesmo padres tornaram-se exímios matadores e mataram pessoas de todas as ocupações e classes sociais, a começar por líderes e opositores.

Alguns filmes foram feitos para retratar esse cenário monstruoso. Entre eles: “Hotel Ruanda”, o mais conhecido e premiado, “Histórias de um Massacre”, “Tiros em Ruanda” e “Tensão em Ruanda”. Todas as obras rodadas em Ruanda, nos locais exatos dos acontecimentos, e recontam a história de alguns dos principais

personagens que fizeram de tudo para proteger seu povo. A materialização desse episódio é de uma tristeza que penetra a alma daquela nação africana e nos faz sentir envergonhados diante da incapacidade política para a ordem da paz mundial, incluindo a Organização das Nações Unidas.

Alguns escritores, entre eles jornalistas e historiadores também escreveram sobre o genocídio de Ruanda. Os relatos de assassinos e sobreviventes são de uma veracidade que impressiona e desconserta.

A palavra “genocídio” foi proibida durante as matanças, isso para que nenhuma Nação fosse obrigada a intervir. Nem mesmo a ONU, que estava ali para tão somente vigiar os acordos de paz celebrados fez algo. Pelo contrário, não interviu como também retirou quase a totalidade de suas tropas do país.

Ruanda foi abandonada por todos e até mesmo hoje em dia muitos lutam para esquecê-la. Porém, a verdade é que se as razões políticas e econômicas continuarem a guiar o mundo ao invés do sentimento de humanidade e solidariedade, muitas catástrofes como essas ainda poderão acontecer.

As nações de todo o mundo tinham que parar de estrangular vidas, machucar a terra, crucificar almas. As pessoas de cada cidade, país ou continente deveriam se unir e exaltar a igualdade em cada uma delas e não transmitir mensagens de ódio e guerra através dos rádios e jornais. A propaganda vigente deveria ser para que cada um abrisse um pequeno espaço em seus corações e começassem a viver ao invés de existir. Se a ONU e as outras organizações mundiais realmente se empenhassem em preservar a vida das pessoas que estão vivas, haveria menos seres humanos morrendo e, a partir daí, as lágrimas derramadas seriam de felicidade.

Fica o relato do maior desrespeito aos direitos humanos desde a Segunda Guerra Mundial. A abordagem tem a finalidade de discutir questões culturais e de como uma colonização pode trazer reflexos perversos na vida social de uma comunidade. Importante ressaltar que vários países do continente africano também enfrentam problemas semelhantes. Uma discussão sobre a questão e punições exemplares aos envolvidos podem servir de prevenção de outros conflitos étnicos.

BIBLIOGRAFIA

ACORDO de Arusha. **Wikipédia, a enciclopédia livre**. Disponível em:
< http://pt.wikipedia.org/wiki/Acordo_de_Arusha >. Acesso em 30 jul.2009.

DAMIANO, Graciela. **Tutsi, Paul Kagame se diz 'ruandês' acima de tudo**.
Disponível em:
< http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/story/2003/08/030826_ruandagd.shtml >.
Acesso em 30 jun. 2009.

EXPANSÃO bantu. **Wikipédia, a enciclopédia livre**. Disponível em:
< http://pt.wikipedia.org/wiki/Expans%C3%A3o_bantu > Acesso em 08 ago. 2009.

FRAGOSO, Grace. **Relato de viagem - Rwanda**. Disponível em:
< <http://teiadeoracao.blogspot.com/2006/11/relato-de-viagem-rwanda-por-grace.html>
>. Acesso em 04 ago. 2009.

GENOCÍDIO em Ruanda. **Wikipédia, a enciclopédia livre**. Disponível em:
< http://pt.wikipedia.org/wiki/Genoc%C3%ADdio_em_Ruanda > Acesso em 30 jun.
2009.

GOUJON, Emmanuel. **Ruanda-aids: Os menores, principais vítimas da Aids em Ruanda**. Disponível em:
< http://www.aegis.com/news/afp/1999/AF990736_PT.html > Acesso 04 ago. 2009.

GOUREVITCH, Philip. **Gostaríamos de informá-los de que amanhã seremos mortos com nossas famílias**; tradução José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HATZFELD, Jean. **Uma temporada de facões: Relatos do genocídio em Ruanda**; tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia de Letras, 2005.

HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na sala de aula: visita à história contemporânea**
São Paulo: Selo Negro, 2008

HISTÓRIA de Ruanda. **Wikipédia, a enciclopédia livre**. Disponível em:
< http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_de_Ruanda > Acesso em 30 jun. 2009.

HISTÓRIA de um massacre. [Estados Unidos]: Paramount Pictures, 2007.
HOTEL Ruanda. [Bósnia- Herzegovina]: Imagem Filmes, 2004.

INTERAHAMWE. **Wikipédia, a enciclopédia livre**. Disponível em:
< <http://pt.wikipedia.org/wiki/Interahamwe> > Acesso em 08 ago 2009.

KEYS, D. Sangue no coração da África; tradução Julia Vidili. **Revista BBC História**, São Paulo, Ed. 2, 2008.

KI-ZERBO, Joseph. **Para quando a África?** Entrevista com René Holenstein; tradução Carlos Aboim de Brito. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

MASINI, Fernando. **O genocídio de Ruanda**. Disponível em:
< <http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2739,1.shl> > Acesso em 04 ago. 2009.

MUGANGA, Kabengele. Identidade étnica e direitos humanos nos países da África sub-saariana. **Casa das Áfricas**. Disponível em: <
http://www.casadasafricas.org.br/site/index.php?id=banco_de_textos&sub=01&id_texto=28 > Acesso em 02 ago. 2009.

PARENTE, Andréia. **Ruanda: uma história atribulada**. Disponível em:
< http://jpn.icicom.up.pt/2004/04/06/ruanda_uma_historia_atribulada.html > Acesso em 23 jul. 2009.

POWER, Samantha. **Genocídio: A Retórica americana em questão**; tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

RUANDA. **Portal São Francisco**. Disponível em:
< <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/ruanda/ruanda.php> > e
< <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/ruanda/ruanda-2.php> > Acesso em 30 jun. 2009.

RUANDA: 'Corpos caíram em cima de mim', conta parentes de vítimas. **Site da BBC Brasil**. Disponível em: <
http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/story/2004/04/040401_ruandarc.shtml >
Acesso em 04 ago. 2009.

RUANDA: 'Fomos tomados por Satã', diz um dos assassinos. **Site da BBC Brasil**. Disponível em: <

http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/story/2004/04/040402_ruandadepoimento.shtml > Acesso 04 ago. 2009.

TENSÃO em Ruanda. [Canadá]: Paramount Pictures, 2006.

TIROS em Ruanda. [Inglaterra/ Alemanha]: Imagem Filmes, 2005.